

“COMER, REZAR E AMAR”: DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS E O UNIVERSO AFRO-BRASILEIRO EM SALA DE AULA.

Orientadora: Hilmaria Xavier
Autor: Severino Félix Coutinho Junior

Resumo: Tendo como base a Lei 10.639 que alterou a lei 9394/96 a LDB (Lei de diretrizes e base da educação), que instituiu e estabeleceu a obrigatoriedade no âmbito escolar o ensino de história da África e dos africanos nos planejamentos e currículos escolares do ensino fundamental e médio. O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra Dona Flor e seus dois maridos Publicado em 1966 do escritor baiano Jorge Amado e a partir dessa análise e interpretação de sua obra, recortar fragmentos e transformá-los em material didático pedagógico para serem utilizados nas práticas e metodologias do ensino em salas de aula. Tomamos com base para esse estudo as diversas receitas culinárias contidas na obra procurando estabelecer uma efetiva interação dessa pesquisa com as atuais políticas públicas de inclusão social. Resgatando dessa forma, a importância e contribuição histórica dos negros e dos africanos na construção do nosso país. Através da literatura e dos manuseios de suas obras ou fragmentos das mesmas, percebe se um meio de cumprimento desta lei, já que a mesma tem como foco levar a grande diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira aos currículos escolares, destacando a cultura afro brasileira; o jeito próprio de viver e suas manifestações, celebrações do dia a dia tão bem retratado pela literatura nos contextos inseridos em suas obras.

Palavras chaves: Lei 10.639; Ensino de História; Literatura

A lei 10.639 que alterou a lei 9394/96 a LDB (Lei Diretrizes e bases) da educação instituiu e estabeleceu a obrigatoriedade no âmbito escolar do ensino de História da África e dos africanos nos planejamentos e currículos escolares do ensino fundamental e médio. Resgatando dessa forma a importância e contribuição histórica dos negros na construção da sociedade brasileira. Mesmo sabendo que é do conhecimento de todos que em nosso país ainda persiste um imaginário étnico-racial, que privilegia a branquidão e as raízes europeia da nossa cultura, deixando de lado e em muitos casos pouco valorizando, ignorando as outras culturas: a indígena, a africana, a asiática que contribuíram expressivamente na formação do nosso povo, da nossa cultura e da história do nosso país, esse processo de educação étnico-racial não pode se dar de uma forma direta.

A educação étnico-racial em nosso país vai emergir dores e medos. Mais não vai mudar o foco etnocêntrico fixado com relação à raiz europeia pela africana. Medo porque é preciso entender que a vitória de uns tem o preço da desigualdade a outros. E dessa forma apresentar em seu contexto o estudo de atividades que demonstrem a contribuição histórico-racial dos indígenas, dos descendentes asiáticos, africanos e europeus. Repensando dessa forma as atividades pedagógicas, procedimentos de ensino e aprendizagem oferecidas pelos educadores e escolas. Levando os educandos a compreenderem que o nosso meio social é formado por grupos étnico-raciais distintos, com vários conjuntos próprios de cultura e história próprios igualmente valiosos que ajudaram a

compor a nossa história quanto nação brasileira. E por esse meio desconstruir e eliminar conceitos e ideias pejorativas e preconceituosas com relação a esses grupos; quebrando imagens negativas formadas por diferentes meios, valorizando dessa forma manifestações, oralidade, artes e marcas da cultura de raiz africana juntamente com a leitura e a escrita, preservando e difundindo o patrimônio cultural afro-brasileiro. Essa mesma lei tem como foco levar à grande diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira aos currículos escolares, destacando a cultura afro-brasileira; o jeito próprio de viver e suas manifestações, celebrações do dia-a-dia. Englobando em seu desenvolvimento a inclusão de personagens negros ou de outros grupos étnico-racial dentro de temas e conteúdos abordados na escola e em sala de aula, quebrando dessa forma estereótipos e imagens estereotipadas criadas quanto a construção da história desses grupos em nossa nação.

Fica bem claro no art. 26A da Lei 9394/1996 que *“cabará, aos administradores dos sistemas de ensino e dos mantenedores prover às escolas, seus professores e alunos de material bibliográfico e de outros materiais didáticos (...)”*. Referente à obrigatoriedade da Lei 10.639, sabendo da indisponibilidade desse material nos estabelecimentos de ensino, o referente trabalho vem propor um meio de cumprimento da Lei 10.639. Através da união da História com a Literatura, utilizando como base obras de um dos maiores escritores baianos: Jorge Amado, havendo assim uma interdisciplinaridade entre a história e a literatura. Esse grande intercâmbio pode e deve haver, segundo um dos objetivos gerais do ensino fundamental encontrados nos PCN’s: “Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos para adquirir e construir conhecimentos”. E segundo uma das obrigatoriedades referentes à Lei citada – a 10.639 – onde em seu Art. 26A deixa claro que “os conteúdos referentes à História e cultura afro-brasileira serão ministradas no âmbito de todo currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História brasileira”.

A literatura Negra no Brasil

Tradicionalmente não se pode dizer que existiu uma literatura negra no Brasil. Falar de literatura nos remete imediatamente a língua e fala. E apesar da quantidade de negros africanos que vieram para o Brasil resultante da diáspora negra e suas contribuições na nossa formação histórica, entre elas em nossa língua, a qual é permeada por palavras de origem africana, dos mais diversos seguimentos: Banto, Nagô, Ioruba, entre outros, não podemos considerá-la negra porque essa literatura não se expressa em nenhum desses dialetos de matrizes africanas e sim em português. Segundo os escritores Joel Rufino e Muniz Sodré não há uma literatura negra de um ponto de vista tradicional por que os negros se expressam pelo idioma português, ou seja, a literatura é classificada

como portuguesa ou brasileira. Uma literatura se define pela forma que a língua assume. Não existe uma literatura, mais sim uma oralidade ou uma oratura onde o coloquial e o culto têm a ver com o negro. Encontram-se escritores de expressão portuguesa que introduzem, colocam uma nota negra, afrodescendente em sua produção literária, étnica, de outra maneira com sensibilidade onde daí pode-se dizer uma literatura negra.

O negro aqui no Brasil era basicamente escravo, então dessa forma, não tinha como sem expressar literariamente. Mas, os homens livres negros, mestiços entre muitos que surgiram, dentre eles podemos citar Basílio da Gama, Caldas Barbosa (inventor da modinha). Isso durante o século XVII, deu-se o surgimento desses escritores. Dessa forma, não existe uma literatura assumidamente negra, com a forma negra, mais sim o negro tomado e colocado como conteúdo, ou seja, há uma oralidade que pode ser definida melhor como uma oratura, onde o negro é tomado como conteúdo. Onde em alguns casos essa literatura vai ter como conteúdo uma maior consciência racial e que durante o período da abolição vai se tornar muito forte com José do Patrocínio e outros grandes representantes da nossa literatura e que futuramente surgiriam, como é o caso de Machado de Assis. Essa literatura vai ser voltada mais para comentários do cotidiano, retórico, voltadas aos costumes de uma população formada por 80% de descendentes de africanos. No caso de Machado, no Rio de Janeiro de uma sutil forma política.

Machado de Assis desponta no final do século XVIII com o declínio do sistema colonial juntamente com outros escritores afro-brasileiros, e onde Machado de Assis faz parte ativa desse grupo. Machado de Assis – considerado um dos maiores escritores brasileiros – era um favelado, um menino nascido no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, filho de uma negra e é dessa forma que pouco de nós o conhecemos. Nunca somos informados dessa sua origem. Machado de Assis é um escritor afro-brasileiro que no início da república e no declínio do império em 1889, vai se destacar nesse vasto grupo de escritores tornando-se o maior escritor brasileiro. Outros escritores vão fazer parte desse grupo em nossa literatura: Lima Barreto, Luz Gama, Lino Guedes, Cruz e Souza, Abidias Nascimento, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus. Pode se dizer em sua realidade que durante todo o período colonial até o império a imagem do negro sempre vai aparecer, em suma, secundariamente. Aparecendo esporadicamente nessa literatura e cada vez mais, tomando mais espaço e no final desse período, passa a aparecer mais substancialmente. Fruto da sua forma de descrever o mundo. Fruto da sua forma de ver a realidade e de descrevê-la, se confundindo a história brasileira com sua realidade. Desde que aportaram aqui na escravidão, com uma gigantesca influência que perpassa o tempo e a história, chegando até os dias de hoje, dentro de nosso imenso

repertório linguístico – como é o caso do grande conjunto de palavras africanas presentes em nossa língua – e em nossa oralidade. Línguas dos mais diversos cantos e recantos da África chegaram aqui no Brasil.

Segundo Nei Lopes, escritor do Novo dicionário Banto do Brasil, a matriz Banto Africana foi a matriz mais influente aqui no Brasil. E a grande influência dessa matriz africana em nossa língua pode ser comprovada basicamente com o vocabulário usado no dia-a-dia, tendo como exemplos várias palavras das quais podemos citar: carimbo, sunga, tanga, tamanco, canga entre outros. E essas línguas, essas palavras eram preservadas e chegaram até os nossos dias, até o nosso cotidiano atual.

Mas qual seria o marco inicial ou texto que marca o início da literatura negra no Brasil? Tudo indica que essa literatura tenha começado por volta de 1650, onde nesse período se dava aqui a invasão holandesa e Portugal encontrava-se no início da dinastia de Bragança. Uma carta escrita de um militar ao um rei da Dinastia de Bragança, D. João IV, escrita por um soldado negro chamado Henrique Dias que reclamava dos maus tratos um general se tornaria conhecida e essa correspondência se tornaria o primeiro marco da literatura negra no Brasil. Tendo o seu pioneirismo com o escritor Luiz Gama dentre outros. Onde Luiz Gama – que era assumidamente negro – satirizava alguns costumes da época como no caso de seu poema “A Bodarrada” do qual satirizava o termo bode, termo esse pelo qual os brancos se referiam às pessoas negras. Mostrando dessa forma o compromisso tido dentro da literatura negra no Brasil, o compromisso e a luta contra a diferença étnico-racial.

A matéria-prima da Arte é a própria vida. O escritor capta o mundo como se tivesse antenas. Transmite, comunica e ajuda o leitor a conhecer o outro melhor: sobre o amor, o ódio, a fome, a guerra, a morte. O artista fantasia, imagina e elabora uma outra realidade. Ele imita a realidade, mas a devolve, na obra, como se fosse nova.

Para o filósofo grego Aristóteles (384 a 322 a.c), imitar, representa, criar imagens é natural ao ser humano, é uma forma de experimentar o universo. A literatura é um jeito de imitar a vida por meio de palavras arrumadas de modo tal que forme uma supra-realidade, isto é, uma realidade paralela ao ambiente que foi imitado¹.

Essa realidade paralela e o jeito de imitar a vida nada mais são do que o desenrolar dos personagens em suas lutas, dentro da narrativa em suas situações, contextos e diálogos. Assim como Aristóteles é majestosamente citado, Castoriades também vê que o conhecimento é um labirinto de enigmas. Mas o que faz a essência do homem precisamente é a imaginação criadora. Essa arte de

¹ CAMPEDELLI, Samira Yourseff, Doutora em letras pela USP professora de língua portuguesa na escola de comunicação e Artes – USP.

recriar os, mas diversos mundos vividos e elaborar as mais diversas condições das quais o homem passou, viveu, é desenrolada pela literatura, que faz uma viagem ao passado trazendo plenamente em alguns casos, recriando, imitando, contando os mais diversos acontecimentos, mundos e feitos ilustrados em suas obras. Dessa forma chegamos a uma conclusão: é do conhecimento de todos, tendo em vista que nos últimos anos, as melhores produções literárias, os premiados, todos ou todas em sua maioria, tanto nacionais, como internacionais, polêmicas ou não, utilizam-se de um enorme contexto histórico para ambientar e abrihantar seus enredos, com enormes recortes de acontecimentos e fatos históricos.

Basta um primeiro contato com a literatura para termos a ideia de que suas obras são, diferentes, não apenas pelo autor e pela época, mas também pelo conteúdo e forma. Os *Lusíadas* é um longo poema heroico ou épico, com seus "cantos" constituídos por algumas dezenas de estrofes de oito versos ou oitavas; a *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias é um pequeno poema, subjetivo ou lírico; *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, é uma longa narrativa, romanesca e de fundo histórico; e *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, é uma obra escrita para ser representada, e daí ter uma estrutura teatral. Partindo da ideia de que as obras são diferentes no conteúdo e na forma, não é difícil chegarmos à conclusão de que tais elementos, se de um lado as distinguem, de outro não impedem que se assemelhem a outras, com mesmo tipo de conteúdo e de forma, e venham a constituir com elas um grupo, com determinadas afinidades entre seus elementos².

Elementos que quando analisados, vistos com um olhar aguçado é possível transformá-los numa perspectiva metodológica e utilizá-las didaticamente no âmbito escolar. Sendo levados diretamente ao encontro do alunado de acordo com o conteúdo ministrado ou através de eixos temáticos tão difundidos e divulgados como um grande aliado ao educador pelos PCN's.

Do Quarto a Sala, Da Cama a Cozinha :Costumes e Tradições Afro-brasileiras nas Receitas Culinárias de Dona Flor

Jorge Amado nasceu no dia 10 de agosto do ano de 1912, na zona rural da Bahia na fazenda Auricídia, localidade de Ferradas, no interior do estado, em Itabuna. Desde sua infância conviveu e presenciou as lutas e confrontos desenrolados e realizados no interior do estado da Bahia, na época dos desbravamentos, conquistas e posse de terras para a agricultura, mais especificamente, o cultivo do cacau. Cenário este que se tornou presente e pano de fundo para as suas primeiras obras e livros, que relatam e tomam estes fatos enquanto contextos e cenários do conjunto de sua obra, que é reconhecida pelo cunho social. Foi alfabetizado por sua mãe e pela professora D. Guilhermina, já na zona urbana na cidade de Ilhéus, que o autor começa a rabiscar suas primeiras letras, onde criou e desenvolveu, em 1922, *A Luneta Mágica*, espécie de jornal distribuído entre amigos, vizinhos e

² AMORA, Antonio Soares. *Introdução à Teoria da Literatura*. São Paulo: Clássico científico, 1964.

familiares. Em 1928, funda, juntamente com Edison Carneiro, Alfredo Dias Gomes e outros membros, a “*Academia dos Rebeldes*”, grupo literário baiano com sede no Pelourinho já em Salvador capital do estado da Bahia. Em 1930, muda-se para o Rio de Janeiro a fim de cursar Direito, formação muito comum a muitos de nossos escritores e sonho da maioria dos pais dos fazendeiros. Entre a década de 30 e 40, desperta para o universo político e exerce atividades neste meio, e engaja a arte que produz às propostas articulistas do PCB, mas é em 1946 que alcança, efetivamente, a carreira pública e política, quando assume o cargo de Deputado Federal.

Vale ressaltar e lembrar aqui um fato: foi Jorge Amado, ateu convicto, que garantiu a liberdade de crença na Constituição Federal, quando Deputado Federal, na Constituinte de 1946. O objetivo de Jorge Amado era proteger o Candomblé e demais religiões de matriz africana da perseguição por parte do Estado. Entretanto, em 1948, o autor ainda deputado cancela o seu registro de filiação junto ao Partido Comunista e assim perde o mandato. Foi vítima de perseguições políticas, foi exilado em Paris e de lá viaja por outros países da Europa e da América do Sul como: Itália, Polônia, Tchecoslováquia, União Soviética, China, Mongólia, Uruguai, Argentina. Faleceu em 06 de agosto de 2001 deixando uma obra traduzida em quarenta e nove idiomas, comercializada em cinquenta e dois países; adaptada para a TV, cinema, e teatro, onde é retratada a realidade sociocultural de um povo, e de personagens que viviam à margem da sociedade, mas que, em suas obras viram protagonistas; como também o universo afro-brasileiro, tão presente em nossa cultura, e no estado da Bahia, palco e cenário da maioria de suas obras.

Publicado em 1966 por Jorge Amado, o romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos* é um retrato rico da sociedade brasileira, marcada por diversos ângulos desde seu cunho social e cultural como político, é um rico panorama da vida de Salvador da Bahia, do seu cotidiano, repleto de fé e de sabores, de desejos e de prazeres não apenas da carne. Escrito segundo a marca do realismo mágico, por meio das suas personagens nos deparamos com o universo popular regional brasileiro e o conhecimento da realidade baiana. Pelos passos do inebriante personagem Vadinho corremos as ruas e as noites boémia e pelas receitas de Dona Flor salivamos a cada página, professora da escola culinária Sabor & Arte, conhecemos a riqueza da gastronomia da região. A história se desenrola a par e por meio de ingredientes que já se encontram, impregnados na cultura e costumes indissociáveis da Bahia. Ingredientes como: o camarão, o azeite de dendê, o coco, a pimenta do reino, o peixe é encontrado em receitas tão famosas como moquecas, canjicas, pamonhas, manuês e o inconfundível vatapá, celebrando os momentos mais importantes de Salvador ou cultuando os Orixás tão presente no universo religioso da região.

Jorge Amado, assim como Gilberto Freyre, valoriza diversas práticas sócio culturais regionais, dentre as quais a culinária sempre ocupou lugar de privilegio e destaque. Freyre afirma em seu Manifesto Regionalista, lido no 1º Congresso Regionalista do Nordeste, que se realizou em Recife no ano de 1926 que: “A verdade é que não só de espírito vive o homem: vive também do pão – inclusive do pão-de-ló, do pão-doce, do bolo que é ainda pão” (1996, p. 59). A obra tem início, abre alas com as cerimônias de respeito a Vadinho, o “bon-vivant” que morre justamente durante o Carnaval uma das maiores manifestações culturais de nosso país, fantasiado de mulher. Em *Dona Flor e seus dois maridos* encontram-se presentes algumas receitas da culinária baiana, até porque a personagem protagonista é professora da “Escola de Culinária Sabor e Arte”. Antes de se iniciar a história propriamente dita, antes de enveredarmos livro a dentro, as fronteiras entre realidade e ficção balançadas, se desvanecem quando a personagem Dona Flor envia uma carta ao autor Jorge Amado, dando-lhe os modos, os por menores através da receita de como fazer o bolo de puba ou carimã (Amado, 1984, p. 10). Outras receitas vão aparecendo ao longo do romance, entre elas podemos citar a célebre moqueca de siri mole, a preferida de Vadinho (Amado, 1984, p. 41).

E como aqui nada se faz de barriga vazia, tudo tem ligações ao ato de comer alimentar-se inclusive as práticas amorosas. Para Luce Giard destaca e relaciona a aproximação entre o ato de comer e as práticas amorosas da seguinte forma: “Evidência concreta: nós comemos com nossa boca, orifício corporal cujas partes (...) e funções (...) intervêm em alto grau na relação amorosa” (Giard, 2011, p. 264). Portanto o ato de cozinhar é relacionado a uma das práticas e armas de sedução da mulher, como bem já se diz em ditado popular da região, “ela faz de tudo para agarrar o marido pelo estômago “. Dividir o espaço da mesa da cozinha, compartilhar refeições é parte do reino dos prazeres corporais, ricos em momentos que aguçam os mais diversos sentidos humanos e repletos de sensações ao qual são seguidos de outros diversos momentos ainda mais “doces”(sobremesas) ou “apimentados”(as refeições em si) como também a associação de ambas as partes tanto masculinos e femininos serem representados nesse jogo do amor por metáforas culinárias. O personagem Vadinho dirige-se diversas vezes a Flor usando metáforas em que ela é representada por alimentos: “meu manuê de milho verde, meu acarajé cheiroso, minha franguinha gorda” entre outras variações que ainda podem ser percebidas dando designação a Flor em muitos casos como comida saborosa criando assim uma extensão da dimensão da relação física entre dois amantes que nem mesmo a malvada da morte conseguiu os separar. Essas comparações e associação entre culinária e erotismo também podem ser percebidas em diversos trocadilho utilizados por Vadinho com um onde ele se utiliza do próprio nome da Escola Sabor e Arte:

“quero saborear-te” (Amado, 1984, p. 79) ou seja devora-lhe, come-la.

Luce Giard destaca que a relação presente entre as diferentes atividades do corpo em seu estudo sobre a cozinha no livro *A invenção do cotidiano*. “A arte de nutrir tem a ver com a arte de amar, portanto também com a arte de morrer” (Giard, 2011, p. 233). A morte presença constante, longamente tematizada durante todo o romance. Sendo assim como Vadinho padece, morre nas primeiras páginas, nas primeiras linhas do romance, é explicitado como e o que se deve fazer e servir em velório; a comida pode até variar o ser extremamente diferente dependendo da classe social do morto, mas o que não pode faltar é a bebida. “Velório sem cachaça é desconsideração ao falecido, significa indiferença e desamor” (Amado, 1984, p. 12).

Dona Flor professora de culinária explica o que se deve comer e beber durante o velório, e nos revela uma das práticas fúnebres mais antigas que se conhece: “Beber o Defunto”. Uma das grandes herança africana, a tradição de beber o morto remonta a antigos rituais de morte presente em diversos países do continente africano, como no velório da Umbanda, tantas vezes referenciada no romance, e cujo costume – o **Gurufim** – reúne os parentes e amigos numa refeição comunitária, celebrada pelo Marafo – aguardente de seiva de Palmeira – substituída no Brasil pela típica Cachaça.

Dona flor e seus dois maridos e o universo afro-brasileiro em sala de aula.

Dessa forma como já foi muito bem exemplificado a cima com a receita “quando e o que servir em velório de defunto” o manuseio de fragmentos e trechos literários são um material cabível e possível de ser utilizados como fonte didáticas nas salas de aulas para os mais diversos estudo e trabalhos sobre as mais diversas temáticas desde que as atividades sejam pensadas, planejadas e articuladas por nós educadores.

No processo de aprendizagem, o professor é o principal responsável pela criação das situações de troca, de estímulo na construção de relações entre o estudado e o vivido, de integração com outras áreas de conhecimento, de possibilidades de acesso dos alunos a novas informações, de confronto de opiniões de apoio ao estudante na recriação de suas explicações e de transformação de suas concepções históricas.³

Percebe-se que a literatura, como qualquer outra forma ou outra fonte de conhecimento, é

³Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º Ciclo do Ensino Fundamental, p. X.

um relato, um testemunho de sua época é que pode ser bem utilizada por outras disciplinas pelo foco da interdisciplinaridade. Segundo Bordoni⁴ (2005), “*a interdisciplinaridade favorecerá que as ações se traduzam na intenção educativa de ampliar a capacidade do aluno de expressar-se através de múltiplas linguagens*”. Temos como exemplo a nossa literatura e o mundo dos nossos escritores brasileiros que foram utilizados como um caminho possível para a recuperação da nossa história a partir do período imperial. Não podemos esquecer a literatura contemporânea, como exemplo dela temos as crônicas publicadas diariamente pelos jornais, que podem ser utilizados para uma maior compreensão do momento histórico. Não tendo apenas uma representação, uma versão do presente, mas como uma captação dos movimentos, das transformações cotidianas, uma antecipação do rumo da sociedade, um contato com a grande diversidade cultural, entre elas a cultura afro-brasileira, que acaba possibilitando aos alunos um autoconhecimento das suas raízes culturais e auxilia na formação da sua identidade, segundo Freire: É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e que aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1996, p. 23).

No gênero ficção, as leituras das obras escritas em tempo diverso podem e devem ser moldadas e transformadas em instrumentos importantes no aprendizado e na elaboração do conhecimento e do saber. E que esse contato quando bem desenvolvido possibilita diversas ações e diálogos promissores na construção do conhecimento e na quebra de preconceitos

“O diálogo escola/afro-brasilidade – ação exigida pela Lei 10639/03, em seu potencial de interatividade –, além de alterar o lugar tradicionalmente conferido à matriz cultural africana, resgata e eleva a autoestima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro.” (AMÂNCIO 2008, p. 37)

Assim como qualquer outra fonte a literatura ficcional nos possibilita uma reconstituição de vários elementos que interessam à história, encontrados dentro dos seus mais diversos gêneros: romance, conto, crônicas, poesias. Podendo resultar em um trabalho interdisciplinar entre os educadores e educandos de História, Literatura e Língua Portuguesa. Diante de tudo o que já foi

⁴ BORDONI, Thereza Cristina. *Uma postura interdisciplinar*. Fórum de Educação: 2005.

mencionado anteriormente que é possível identificar de costumes, tradições, africanidades presente em todo o contexto da obra desde sua escrita, língua, forma expressão aqui acrescentaremos mais duas receitas bastante sugestiva. São elas: “cágado guisado e outros pratos incomuns, comidas e quizilas de orixás”, nelas são presente esses universos voltada ao cunho religioso que pode ser trabalhado, quando manuseadas e lidas em salas diversos aspectos tais como:

1. Costumes das sociedades representadas, seu cotidiano e modo de vida em vida em geral;
2. A inserção social e análise do papel desempenhado dos personagens;
3. Relações sociais, familiares, do poder, dos preconceitos, da política, etc.
4. Enfim o contexto no qual se desenvolve e se passa a história.

ESCOLA DE CULINÁRIA SABOR E ARTE

CÁGADO GUISADO E OUTROS PRATOS INCOMUNS

Alguém há dias perguntou, penso ter sido dona Nair Carvalho pois ela gosta de servir do bom e do melhor, o que oferecer a um hóspede de requinte, de paladar esnobe, todo exigente, um artista, enfim, reclamando papa fina, quitutes incomuns, nada a lembrar o trivial.

Pois recomendo servir uma delicia: cágado guisado — e lhes forneço uma receita que me foi ensinada por minha mestra de molhos e temperos, dona Carmen Dias, receita mantida em segredo até agora. Podem copiá-la do caderno. E, se bem recordo, cágado é comida de orixá em candomblé, tendo me dito minha comadre Dionísia, filha de Oxóssi, ser o cágado o prato predileto de Xangô.

Além de cágado, recomendo caças em geral e, em particular, um ensopado de teiú, carne tenra nos perfumes do coentro e do alecrim. Se lhes for possível, apresentem, envolto em folhas aromáticas, um caitetu assado inteiro, ah!, o rei dos grandes pratos, porco bravio, carne com sabor de selva e liberdade.

Mas, se vosso hóspede quer ainda caça mais supimpa e fina, se busca o non plus ultra, o xispeteó, o supra-sumo, o prazer dos deuses, por que então não lhe servir uma viúva, bonita e moça, cozinhada em suas lágrimas de nojo e solidão no molho de seu recato e luto, nos ais de sua carência, no fogo do seu desejo proibido, que lhe dá gosto de culpa e de pecado?

Ai, eu sei de uma viúva assim, de malagueta e mel, em fogo lento cada noite cozinhada, no ponto exato para ser servida. (AMAD0, 2008, p.194,195).

Ao recomendar um livro ou um trecho, o educador precisa tê-lo lido, considerando as necessidades de contextualização do livro junto ao trabalho desenvolvido com os educandos. É conveniente nessa análise considerar o autor, atentando para o recorte da realidade que foi utilizado, se fez seleções e a observou-as sob um determinado ângulo. Isso nos possibilitará a reconhecer e analisar o lugar social de quem a produziu e quais pontos podem ser utilizados nas discursões e nos

debates programados para as aulas. A próxima receitas apresenta alguma das divindades do panteão africano como também palavras que são comuns dos sons e de origens africanas.

ESCOLA DE CULINÁRIA SABOR E ARTE

COMIDAS E QUIZILAS DE ORIXÁS

(informação prestada por Dionísia de Oxóssi)

Toda quarta-feira Xangô come amalá e nos dias de obrigação come cágado ou carneiro (ajapá ou agutã).

Euá, orixá das fontes, tem quizila com cachaça e com galinha.

Iamassê come conquém.

Para Ogum guardem o bode e o aquiçó, que é galo em língua de terreiro.

Omolu não suporta caranguejo.

De espelho e leque, de melindre e dengue, Oxum gosta de acará e de ipeté feito com inhame, cebola e camarão. Para acompanhar carne de cabra, sua carne predileta, sirvam-lhe adum: fubá de milho com dendê e mel de abelhas.

Oxóssi, encantado do maior respeito, rei do Queto e caçador, é cheio de quizilas. Na floresta enfrenta o javali mas não come peixe se o peixe for de pele, não tolera inhame e feijão-branco, e não quer janelas em sua casa — sua janela é o mato.

Para a guerreira que não teme a morte nem os eguns, para Iansã, não ofereçam abóbora, não lhe dêem alface ou sapoti, ela come acarajé.

Feijão com milho para Oxumarê, para Nanã caruru bem temperado.

Dr. Teodoro é de Oxalá, logo se vê pelo modo sério e pela compostura. Quando está luzindo terno branco e leva seu fagote igual a um paxorô, parece Oxalufã, Oxalá velho, o maior dos orixás, o pai de todos. Suas comidas são ojojó de inhame, ebó de milho branco, catassol e açaçá. Oxalá não gosta de temperos, não usa sal nem tolera azeite.

Dizem ter sido o açobá Didi quem fez o jogo para o finado e os búzios por três vezes confirmaram: o santo de Vadinho era Exu e nenhum outro. Se Exu é o diabo, como consta por aí? Talvez Lúcifer, o anjo decaído, o rebelde que enfrentou a lei e se vestiu de fogo.

Comida de Exu é tudo quanto a boca prova e come, mas bebida é uma só, a cachaça pura. Nas encruzilhadas Exu aguarda sentado sobre a noite para tomar o caminho mais difícil, o mais estreito e complicado, o mau caminho no dizer geral, pois Exu só quer saber de reinação.

Exu mais reinador o de Vadinho. (AMADO, 2008, p.366).

O panteão negro africano é o que mais se destaca nesta segunda receita apresentada, mas devemos atentar também sobre a forma da narrativa, observando os diálogos, as legendas e as falas. Esses recursos nos revelam as mais diversas formas e maneiras de se contar uma história. Que pode

ser enriquecido por algumas indagações que também podem ser trabalhadas tais como:

- ✓ Época em que se desenvolveu; quais imagens foram construídas pelo autor sobre as questões e temas abordados no decorrer da obra?
- ✓ Como as experiências são vivenciadas pelas personagens? Que valores eles expressam?
- ✓ Atentar para os elementos mais significativos demonstrados tais como: os conflitos são narrados e de qual perspectiva?
- ✓ Como é elaborada e abordada a temporalidade? As relações e aspectos como cenários e pessoas através das experiências dos personagens? (vestuário, costumes, modo de falar, alimentação, casas, ruas, paisagens, cidades, edificações variadas, etc.)
- ✓ Qual as versões ou compromisso desempenhados pelos personagens e grupos sociais? E quanto ao seu caráter: compromisso ou denúncia?

A utilização da literatura em sala de aula, das suas mais diversas obras e gêneros, pode se tornar um rico material, repleto de possibilidades, que pode ser descoberto e utilizado pelo educador a seu dispor, partindo de cada objetivo que foi traçado como meta a ser alcançada dentro e fora da sala de aula, na vida educacional e também na vida social de seus educandos.

Dentro e fora da escola, as obras literárias e suas múltiplas possibilidades de uso, não apenas a leitura abrange diversos campos do conhecimento, a partir da grande gama de debates, discussões, temas e elaborações fecundas que podem vir a surgir com o manuseio de fragmentos ou, até mesmo, textos e obras completas de diversos autores ou adaptações das obras, que se encontram muitas vezes paradas ou encaixotadas nas bibliotecas e espaços de nossas escolas, esperando apenas um olhar mais aguçado e que a partir desses olhares a mesma possa ganhar espaços, não apenas nas estantes empoeiradas de nossas bibliotecas, mas sim as mãos e as salas de aulas, nos mais diversos suportes pelo qual o livro se apropriou, desde folhas de papéis avulsos impressos, as telas de vídeo ou não, tão comuns hoje em nossa vida moderna. Torna-se conveniente que os profissionais em educação, e os educadores em geral, conduzem os alunos a interpretar todas as suas ações mediante as descobertas. Segundo Kramer(2006,p.20) tanto “*na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos*”; havendo assim, uma soma de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com a literatura aguça o olhar crítico, auxiliando não apenas na formação de leitores simbólicos, mas sim de leitores e alunos críticos, capazes de percorrem os caminhos do não

dito, do não mostrado. Permitindo que os alunos olhem-se e encontrem explicações para as suas vivências: tornando-se ativos e participantes diante dos fatos e da sua realidade vivida individualmente ou coletiva. Desprendendo-se do imposto do levado, do apenas lido e apreciado com os olhos, mas, que se torne em uma oportunidade de contribuir e perceber-se enquanto ser social e que consiga identificar, ver e perceber além do imposto, auxiliando assim na formação de alunos críticos, conscientes e capazes de conviver e interagir com a diversidade, com as diferenças e com o novo.

Nesse processo é necessário que se considere também as fases e faixa etária de cada seguimento educacional – neste caso, adolescentes – e também, que se acompanhe a evolução psicológica durante o processo de desenvolvimento dessas atividades com os alunos. Se faz necessário também que o educador seja detentor desse conhecimento para poder favorecer pedagogicamente, no espaço educacional o desenvolvimento de tais atividades dentro da sala de aula. Pois nesse período, a adolescência é marcada pelo pensamento racional, pelas mudanças e conflitos tão presentes nessa fase, principalmente, com relação à identidade de cada um.

Os alunos devem sentir que estão aprendendo ao mesmo tempo em que sentem o prazer de entrar em contato com uma forma diferenciada de expressão de ideias. A leitura de imagens é exercício pouco realizado e difundido nas escolas brasileiras, e, se realizado desde cedo na escola e salas de aula, podem resultar numa melhor capacidade de interpretação, contextualização, análise e crítica de diversos assuntos e conteúdo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5a.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

Amado, Jorge, Dona Flor e seus dois maridos. História moral e de amor, Rio de Janeiro: Record, 1984.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AMORA, Antonio Soares. **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Clássico científico, 1964.

BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres**: modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto

Marinho, 2006. Disponível em:

<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno3_ModosDeInteragir.pdf>.

Consulta em 15.Jun.2016.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 3 v., 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da literatura infantil e juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Quiron, 1985.

DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. 1a.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 38ª Edição, 2008;

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Freyre, Gilberto, **Manifesto regionalista** (Organização e apresentação de Fátima Quintas), Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996.

Giard, Luce, “Cozinhar” in Certeau Michel de, Giard Luce et Mayol Pierre, **A invenção do cotidiano** (Volume 2: morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth.), Petrópolis (RJ): Vozes, 2011. p. 211-331.

Holanda, Sérgio Buarque, **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

Lopes, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**. SP: Pallas, 1999.

RUFINO, Joel. **Literatura e oralidade. Site Mojubá – a cor da cultura**. Editado em 2010. Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/mojuba/programa/literatura-e-oralidade>>. Consulta em: 15.jul.2016.

SODRÉ, Muniz. **Literatura e oralidade. Site Mojubá – a cor da cultura**. Editado em 2010. Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/mojuba/programa/literatura-e-oralidade>>. Consulta em: 15.jul.2016.

